

SECRETARIA DE
EDUCAÇÃO



RECOMPOSIÇÃO DAS
APRENDIZAGENS

Filosofia

Caderno do Aluno

3ª Série
do Ensino
Médio

CADERNO 1



3ª SÉRIE
DO ENSINO MÉDIO

ORGANIZAÇÃO

**Governo do Estado
do Pará**

**Helder Zahluth Barbalho
Governador do Estado do Pará**

**Hana Ghassan Tuma
Vice-governadora do Estado do Pará**

**Rossieli Soares da Silva
Secretário de Estado de Educação -
SEDUC**

**Júlio César Meireles de Freitas
Secretário Adjunto de Educação
Básica - SAEB**

**Raimundo Correa de Oliveira
Diretoria de Formação - DIFOR**

Elaboração:

**Lílian Gabriela Rodrigues Lobato
Raphael Pinheiro Palheta**

Diagramação :

André Luis Pereira de Freitas

SUMÁRIO

Apresentação	04
---------------------------	-----------

Semana 1

O realismo político de Maquiavel

Organização Curricular	05
Resumo Teórico	05
Questões/Itens	05

Semana 2

A tripartição dos poderes de Montesquieu

Organização Curricular	06
Resumo Teórico	06
Questões/Itens	06

Semana 3

Biopolítica em Foucault

Organização Curricular	07
Resumo Teórico	07
Questões/Itens	08

Semana 4

Necropolítica em Mbembe

Organização Curricular	09
Resumo Teórico	09
Questões/Itens	10

Referências	11
--------------------------	-----------

Anexo - Cartão Resposta	
-------------------------	--

APRESENTAÇÃO

Olá, Estudante! Que bom vê-lo(a) por aqui!

Este Caderno foi pensado para você, aluno(a) da Educação Básica do Estado do Pará. Por isso, o material foi escrito de forma que você pudesse oportunamente (1) mobilizar os saberes do seu componente curricular e/ou da sua área, por meio de habilidades apontadas na Base Nacional Curricular Comum (BNCC); (2) acionar, por meio dos descritores prioritários de Língua Portuguesa e/ou de Matemática, proficiência leitora e do pensamento lógico-matemático necessários à compreensão do componente Filosofia e, não menos importante, (3) garantir seus direitos de aprendizagem ao longo de sua trajetória educacional.

O caderno de Filosofia segue o mesmo padrão dos demais. Para cada semana de aula proposta há um organizador curricular estruturado da seguinte forma: unidade temática de área/componente, objeto de conhecimento e habilidade da BNCC e, em seguida, resumo teórico que ajuda a entender melhor os conhecimentos necessários para resolver as questões, depois há 3 questões/itens, construídos conforme as diretrizes do Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB) e do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). São ao todo 12 questões/itens para exercitar e consolidar a aprendizagem.

Este caderno, portanto, busca integrar as áreas do conhecimento visando contribuir com a sua formação plena, desenvolvendo múltiplas habilidades necessárias não somente para o SAEB/ENEM, mas também para a leitura crítica da realidade e intervenção no mundo.

Bons estudos!

SEMANA 1

O REALISMO POLÍTICO DE MAQUIAVEL

1. ORGANIZAÇÃO CURRICULAR

Unidade Temática	Objeto de Conhecimento	Habilidade (BNCC)
O conceito de poder na modernidade e atualidade.	O realismo político de Maquiavel	(EM13CHS603) Analisar a formação de diferentes países, povos e nações e de suas experiências políticas e de exercício da cidadania, aplicando conceitos políticos básicos (Estado, poder, formas, sistemas e regimes de governo, soberania etc.).

2. RESUMO TEÓRICO

Ao longo da história, o conceito de poder assume múltiplas definições influenciadas por transformações políticas, econômicas, sociais e culturais. Vejamos algumas abordagens filosóficas, que sem a pretensão de esgotar o tema, nos oferecem diferentes perspectivas para a reflexão dessa questão tão importante para a compreensão de nossa realidade social.

Nicolau Maquiavel (1469-1527) rejeita a ideia de que o poder político deve ser exercido com base em princípios externos, como valores morais ou religiosos. Para ele, a política opera com uma lógica própria, e um governante deve agir conforme a necessidade da situação. Com base na sua vasta pesquisa histórica, oferece contribuições originais ao analisar a política a partir de uma perspectiva pragmática, realista, considerando “a verdade efetiva das coisas” em oposição à tradição idealista. Isto porque o filósofo situa o ser humano no centro de suas reflexões, evidenciando o potencial egoísta, miserável e corruptível da humanidade. Não se trata de afirmar que os homens são ontologicamente maus, Maquiavel não parte de especulações metafísicas sobre a natureza ou essência humana, mas da própria observação do seu comportamento ao longo da história.

Desse modo, o objetivo da política não seria o aprimoramento moral das pessoas, mas a conquista e manutenção do poder. Importante contextualizar que o momento político em que Maquiavel viveu era turbulento, marcado por uma Itália fragmentada e, por isso, a estabilidade do governo era algo primordial em sua análise política. No entanto, o filósofo estava atento ao fato de que a estabilidade não é fixa e duradoura, mas está suscetível à oscilações, crises, discontinuidades que devem ser contornadas com virtú pelo governante, uma vez que, o conflito é estruturante da vida política.

Virtú: não deve ser traduzido por virtude no sentido moral, mas compreendido como habilidade, inteligência e astúcia para lidar com as adversidades e manter a estabilidade do poder.

Fortuna: em referência a deusa da Fortuna, representa os eventos imprevisíveis e incontroláveis da vida política.

Principais obras: O príncipe; Discursos sobre a Primeira Década de Tito Lívio.

3. QUESTÕES/ITENS

Questão 01

Porque o nosso arbítrio não desaparece, penso poder ser verdade que a fortuna seja árbitra de metade de nossas ações, mas que, ainda assim, ela nos deixe governar quase a outra metade. Do mesmo modo acontece com a fortuna; o seu poder é manifesto onde não existe resistência organizada, dirigindo-a a sua violência só para onde não se fizerem barragens e reparos para contê-la.

MAQUIAVEL, Nicolau. O Príncipe. Tradução de Maria Lúcia Cumo. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1996.

Conforme a leitura do texto, Maquiavel

- (A) defende que o ser humano carece de liberdade para resistir às forças do acaso.
- (B) associa o rio à virtú e os diques à fortuna, propondo controle sobre forças adversas.
- (C) afirma que a fortuna tem força, mas não é soberana; a virtú pode conter seus efeitos.
- (D) compara a fortuna a um rio violento, cuja força seria incontrolável mesmo pela virtú.
- (E) sugere que líderes devem confiar só na fortuna, embora possam prever e evitar desastres.

Questão 02

Para Maquiavel, os conflitos são estruturantes de toda a vida política. Com isso, o nosso autor não defende que os conflitos sejam em si mesmos, algo bom ou ruim. Mas que eles são inevitáveis e é deles que decorrem tanto a edificação quanto a queda de uma vida política”. Ou seja, “os conflitos (podem ser) convergentes com a construção de um corpo político republicano saudável e/ou estável, como também nocivos e destrutivos de uma república, gerando a corrupção da vida política.

PEREIRA, João Aparecido Gonçalves. Política e conflitos: o que Maquiavel nos ensina? 1ª ed. Curitiba: Editora Appris Ltda., 2021.

Conforme o texto, Maquiavel defende que os conflitos são

- erros do governante que carece de virtú.
- obstáculos à república e prejudicam a política.
- expressão de desordem e da corrupção política.
- condição de possibilidade para a estabilidade política.
- inerentes à política e podem fortalecer ou corromper a república.

Questão 03



Fonte: Filosofia em quadrinhos nº 4

A tirinha expressa uma crítica que Maquiavel direciona ao governante

- (A) virtuoso, isto é, aquele que segue princípios ético-morais.
- (B) habilidoso, isto é, que sabe contornar as adversidades.
- (C) dotado de virtú, isto é, que sabe conservar o poder com estratégia.
- (D) dependente da fortuna, isto é, do contexto móvel.
- (E) dotado de fortuna, isto é, de poder político e econômico.

SEMANA 2

A TRIPARTIÇÃO DE PODERES DE MONTESQUIEU

1. ORGANIZAÇÃO CURRICULAR

Unidade Temática	Objeto de Conhecimento	Habilidade (BNCC)
O conceito de poder na modernidade e atualidade.	O realismo político de Maquiavel	(EM13CHS602) Identificar e caracterizar a presença do paternalismo, do autoritarismo e do populismo na política, na sociedade e nas culturas brasileira e latinoamericana, em períodos ditatoriais e democráticos, relacionando-os com as formas de organização e de articulação das sociedades em defesa da autonomia, da liberdade, do diálogo e da promoção da democracia, da cidadania e dos direitos humanos na sociedade atual.

2. RESUMO TEÓRICO

Dando continuidade ao estudo das diferentes abordagens filosóficas sobre o poder, conheceremos sobre a teoria da tripartição dos poderes, proposta pelo filósofo francês **Charles de Montesquieu** (1689-1755), muito influente na teorização dos ideais da Revolução Francesa e em nosso modelo de organização das instituições políticas.

O filósofo, em sua obra intitulada "Do espírito das leis", dedicou-se a um vasto estudo sobre as legislações existentes em diversos lugares do mundo e em diferentes

contextos históricos. A partir dessa análise, desenvolveu uma teoria de governo que, seguindo as ideias do constitucionalismo, a autoridade é conferida por meios legais, o que seria imprescindível para coibir decisões políticas arbitrárias e violentas.

Crítico das monarquias absolutistas, Montesquieu defendeu a importância da separação e harmonia dos poderes. Em suas palavras "todo homem que tem o poder é tentado a abusar dele [...] é preciso que, pela disposição das coisas, o poder freie o poder".

Ou seja, o autor parte da ideia de que apenas o poder pode impor limites ao poder e, portanto, é necessário que cada um dos três poderes (Executivo - responsável pela administração do território; Legislativo - responsável pela elaboração das leis; Judiciário - responsável pela fiscalização do cumprimento das leis) permaneça autônomo, não podendo ser constituído pelas mesmas pessoas. A tripartição dos poderes, assim como um ordenamento jurídico que garanta a segurança pessoal, seriam elementos indispensáveis para o exercício da liberdade política, que importante destacar, não se confunde com licenciosidade, mas sim consiste em escolher fazer entre todas as coisas que a lei permite que façamos. Nesse sentido, não é a lei que limita a liberdade, ao contrário, é a lei que garante a liberdade de fazermos tudo o que ela nos permite.

Além de garantir que os indivíduos não se ataquem, o Estado deve respeitar os limites de interferência na vida das pessoas que devem ter liberdade de se expressar, se associar, produzir e trabalhar. Igualdade jurídica é um outro elemento importante, que pode ser estabelecida, por exemplo, pelo direito a ser julgado em um julgamento justo por um júri de seus pares, pela presunção de inocência e pela proporcionalidade na severidade das penas, todos esses princípios que regem até hoje a relação entre o Estado e os indivíduos em Estados modernos.

3. QUESTÕES/ITENS

Questão 04

texto I

Para que não haja abuso, é preciso organizar as coisas de maneira que o poder seja contido pelo poder. Tudo estaria perdido se o mesmo homem ou o mesmo corpo dos príncipes, ou dos nobres, ou do povo, exercesse esses três poderes: o de fazer leis, o de executar as resoluções públicas e o de julgar os crimes ou as divergências dos indivíduos.

MONTESQUIEU, C. L. De. O espírito das leis. Trad. Fernando Henrique Cardoso. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

texto II



<https://suburbanodigital.blogspot.com/2018/06/tirinha-do-armandinho-vou-apresentar-meu-trabalho-sobre-drogas.html>

A tirinha apresenta uma crítica à capacidade do poder de causar danos à sociedade. Essa perspectiva pode ser relacionada ao texto I, pois

- (A) defende o poder ilimitado a fim de manter a ordem social.
- (B) sustenta que o poder deve ser expressão da vontade do governante.
- (C) propõe a concentração de poder para garantir a eficiência política.
- (D) critica o abuso de poder, mas não vê necessidade de limitá-lo.
- (E) defende a separação dos poderes a fim de evitar abusos.

Questão 05

Como é difícil acordar calado
Se na calada da noite eu me dano
Quero lançar um grito desumano
Que é uma maneira de ser escutado
Esse silêncio todo me atordoa
Atordoados, eu permaneço atento
Na arquibancada, pra a qualquer momento
Ver emergir o monstro da lagoa
Pai (Pai), afasta de mim esse cálice
(Pai), afasta de mim esse cálice
(Pai), afasta de mim esse cálice

BUARQUE, Chico; GIL, Gilberto. Cálice. São Paulo: Polygram, 1973.

A letra da canção expressa uma crítica presente na política de Montesquieu ao

- (A) denunciar a centralidade do poder e seus efeitos repressivos.
- (B) defender que o poder deve ser absoluto e indivisível.
- (C) sugerir que a repressão é necessária para manter a ordem social.
- (D) rejeitar a censura artística, mas não aos abusos do poder político.
- (E) conceber que a liberdade só poderia existir em um regime democrático.

Questão 06

É verdade que nas democracias o povo parece fazer o que quer; mas a liberdade política não consiste nisso. Deve-se ter sempre presente em mente o que é independência e o que é liberdade. A liberdade é o direito de fazer tudo o que as leis permitem; se um cidadão pudesse fazer tudo o que elas proibem, não teria mais liberdade, porque os outros também teriam tal poder.

MONTESQUIEU. Do Espírito das Leis. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1997.

Conforme Montesquieu, a liberdade política na Democracia diz respeito:

- (A) ao direito do cidadão de agir conforme sua própria consciência.
- (B) à chance de o cidadão agir no poder, sem se sujeitar à legislação.
- (C) à autonomia do cidadão perante a lei, mesmo assumindo as penas.
- (D) à limitação da liberdade do cidadão ao que está previsto pelas leis.
- (E) ao poder do cidadão decidir por si mesmo, ao exercer sua plena cidadania.

SEMANA 3

BIOPOLÍTICA EM FOUCAULT

1. ORGANIZAÇÃO CURRICULAR

Unidade Temática	Objeto de Conhecimento	Habilidade (BNCC)
O conceito de poder na modernidade e atualidade.	Biopolítica em Foucault.	(EM13CHS603) Analisar a formação de diferentes países, povos e nações e de suas experiências políticas e de exercício da cidadania, aplicando conceitos políticos básicos (Estado, poder, formas, sistemas e regimes de governo, soberania etc.).

2. RESUMO TEÓRICO

Dando continuidade ao estudo das diferentes abordagens filosóficas sobre o poder, conheceremos um pouco sobre as reflexões do filósofo francês **Michel Foucault** (1926-1984), um dos mais importantes filósofos contemporâneos.

Diferente dos filósofos que o precederam, Foucault não acreditava que o poder seria apenas um âmbito específico das relações humanas. Para ele, o poder é a própria malha a partir da qual essas relações se efetivam. Por isso, todas as relações humanas são relações de poder. Por outro lado, o filósofo também não concordava com a ideia, predominante antes dele, de que haveriam formas de poder mais significativas do que as outras, como se a violência e a dominação pudessem se reduzir a uma única forma ou modelo. Na verdade, para Foucault, como o poder está presente em tudo o que sujeito faz, o que há são variadas formas de exercício do poder, múltiplas e irreduzíveis entre si. Por fim, Foucault também não concordava com a tese de que, nas relações de poder, há alguns sujeitos que detêm a força e a dominação, enquanto outros são meramente passivos, oprimidos e violentados. Ao contrário, segundo o filósofo, o poder é sempre relacional, ou seja, ele é sempre uma via de mão-dupla, de modo que, onde há poder, há resistência: onde se exerce o poder, se constituem também contra-poderes.

Por sua vez, ao pensar o poder como algo sempre presente, múltiplo e relacional, Foucault procurou mostrar, acima de tudo, como o poder se encontra presente nos ambientes, circunstâncias e relações que menos imaginamos, tais como a escola, a ciência, o hospital, a loucura, a sexualidade, etc.

Contudo, é importante ressaltar, pontua o professor e pesquisador paraense Ernani Chaves (2019), que “não existe uma única e definitiva concepção de poder em Foucault, que ele próprio compreendeu, por exemplo, que apenas a concepção de “disciplina” não poderia explicar a dinâmica

das nossas sociedades ou ainda que era preciso encontrar também formas efetivas de resistência, que ele chamou de 'contra condutas'".

Biopoder ou biopolítica

Foucault considerava que a melhor forma de compreender o biopoder é compará-lo com o modo de exercício do poder tipicamente vigente antes dele: o chamado poder de morte ou direito de soberania. Nas sociedades absolutistas e pré-capitalistas, o rei, como soberano, concentrava todo o poder político e exercia total domínio sobre seus súditos. Esse poder enorme, porém, não se manifestava no dia-a-dia. O rei não tinha um controle cotidiano da vida de seus súditos, normatizando o que deveriam fazer ou não. Ao contrário, a força do soberano não se mostrava através da vida, mas sim da morte, seja quando ele condenava alguém à pena capital, matando tal pessoa diretamente, seja quando ele enviava um súdito à guerra, expondo-o à possibilidade de morrer.

Ocorre que com a industrialização, o ritmo da produtividade aumenta de maneira exponencial e não é mais possível que os trabalhadores mantenham o mesmo ritmo de trabalho antigo. É preciso que os funcionários sejam mais rápidos, mais proativos, mais eficientes, enfim, que eles acompanhem o ritmo das máquinas. Torna-se necessária, então, a constituição de um novo tipo de poder, voltado não para diminuir ou violentar a vitalidade dos indivíduos, mas sim para aumentá-la, desenvolvê-la, fortalecê-la. É necessário um biopoder: um poder que aumente a vitalidade dos indivíduos para melhor controlá-los. Diferente, portanto, do direito de soberania, que se exercia pela violência física e pela extinção da vida do indivíduo, o biopoder se exerce de modo sutil: não pelo enfraquecimento das forças vitais, mas pelo seu controle mais eficiente; não pela diminuição da saúde do corpo, mas pelo seu adestramento.

O modo como o biopoder se exerce é através, sobretudo, das normas, das regras, dos regulamentos. Sua lógica é a da disciplinarização dos corpos. Segundo Foucault, o símbolo por excelência da sociedade disciplinar em que vivemos é um modelo de prisão que foi proposto pelo filósofo Jeremy Bentham, justamente na época da Revolução Industrial: o panóptico. Neste modelo prisional, através de uma simples mudança de arquitetura, os vigias não precisam mais transitar por entre os corredores para controlar os presos. Ao contrário, a torre de vigia seria posta no centro de um círculo, em cujas extremidades estariam as celas. Assim, sem qualquer uso de violência explícita, apenas pelo controle do olhar, o panóptico permite um domínio e disciplinarização total da vida dos presos. Na verdade, para Foucault, em virtude do biopoder, todos vivemos em um constante panóptico, inteiramente controlados, não pela força física, mas pelo domínio sutil do olhar.

3. QUESTÕES/ITENS

Questão 07

texto I



<https://bussolanews.blogspot.com/2013/06/charge-sobre-o-mecanismo-de-vigilancia.html>

Tradução da expressão "You can trust government!": "Você pode confiar no governo!"

texto II

O edifício é circular. Os apartamentos dos prisioneiros ocupam a circunferência. Você pode chamá-los, se quiser, de celas. O apartamento do inspetor ocupa o centro; você pode chamá-lo, se quiser, de alojamento do inspetor. A moral reformada; a saúde preservada; a indústria revigorada; a instrução difundida; os encargos públicos aliviados; a economia assentada, como deve ser, sobre uma rocha; o nó górdio da Lei sobre os Pobres não cortado, mas desfeito — tudo por uma simples ideia de arquitetura!

BENTHAM, J. O panóptico. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

Os textos apresentam uma perspectiva foucaultiana ao evidenciar que o poder disciplinar nas sociedades contemporâneas é exercido principalmente por mecanismos

- (A) religiosos, baseados na ideia de um olhar divino controlador.
- (B) ideológicos, que impõem limites ao pensamento e à locomoção.
- (C) repressivos, que utilizam a violência física como única forma de controle.
- (D) consensuais, que se baseiam na aceitação voluntária da vigilância.
- (E) sutis, que disciplinam os corpos e as mentes por meio da vigilância.

Questão 08

A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos 'dóceis'. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência).

FOUCAULT, M. Os corpos dóceis. In: FOUCAULT, M. Vigiar e Punir. Trad. Lígia M. P. Vassalo. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1987, p. 127.

O texto apresenta uma reflexão sobre os mecanismos de controle social. Nesse contexto, observa-se que

- (A) debater sobre o controle social limita-se ao sistema prisional.
- (B) moldar os indivíduos para serem úteis é uma forma eficaz de controle.
- (C) tornar os indivíduos mais autônomos é o objetivo das normas sociais.
- (D) desenvolver as habilidades educativas é a função principal das normas.
- (E) reprimir fisicamente os indivíduos é a forma principal de garantir obediência.

Questão 09

texto I

Hoje, o que impera, sob a ótica de um 'neoliberalismo arrefecido', cada vez mais 'camuflado' e presente nos entremeios da economia de compartilhamento, seria, justamente, a ilusão de que todo e qualquer indivíduo é competente para mudar de vida por si próprio, bastando, para tal, apenas trabalhar; e, em muitos casos, sem precisar ter uma ampla especialização em determinada área de saber; ou possuir elevada destreza técnica-manual para algo.

FREITAS, F. O que é seu é meu e o que é meu... é meu: a biopolítica e a uberização da vida. Princípios: Revista de Filosofia, Natal, v. 29, n. 58, jan. - abr. 2022.

texto II



<https://www.acaricatura.com.br/copia-publicacoes-2>

A precarização neoliberal do trabalho, sob o discurso do empreendedorismo, dialoga com Foucault porque

- (A) a economia do compartilhamento rompe com a disciplina, ao promover liberdade e eliminar hierarquias.
- (B) o neoliberalismo reforça a disciplina ao induzir o empreendedorismo e moldar sujeitos adaptáveis ao mercado.
- (C) a disciplina, para Foucault, limita-se a espaços fechados, sem relação com o controle neoliberal sobre os sujeitos.
- (D) a expressão "Corpos dóceis" refere-se apenas à repressão física estatal, sem vínculo com controles sutis como o empreendedorismo.
- (E) a disciplina, no neoliberalismo, desaparece, já que os indivíduos se tornam autônomos e livres das normas institucionais.

SEMANA 4

NECROPOLÍTICA EM MBEMBE

1. ORGANIZAÇÃO CURRICULAR

Unidade Temática	Objeto de Conhecimento	Habilidade (BNCC)
O conceito de poder na modernidade e atualidade.	Necropolítica em Mbembe	(E M 1 3 C H S 6 0 2) Identificar e caracterizar a presença do paternalismo, do autoritarismo e do populismo na política, na sociedade e nas culturas brasileira e latinoamericana, em períodos ditatoriais e democráticos, relacionando-os com as formas de organização e de articulação das sociedades em defesa da autonomia, da liberdade, do diálogo e da promoção da democracia, da cidadania e dos direitos humanos na sociedade atual.

2. RESUMO TEÓRICO

Achille Mbembe (1957 -), filósofo camaronês, professor de História e de Ciências Políticas do Instituto Witwatersrand, em Joanesburgo, África do Sul e na Duke University, nos Estados Unidos. Estudioso de Foucault, a partir da interlocução com o filósofo francês formulou o conceito de necropolítica (política de morte) por julgar o conceito de biopolítica insuficiente para a compreensão das relações de inimizade e perseguições contemporâneas. Para ele, necropolítica é o poder de decidir quem pode viver e quem deve morrer. Com base no biopoder e em suas tecnologias de controle das populações, o "deixar morrer" se torna aceitável. Mas não é aceitável a todos os corpos. O corpo "matável" é aquele que está exposto

ao risco de morte a todo instante, cuja vida é considerada descartável em decorrência de determinados marcadores sociais, como gênero, classe e, sobretudo, raça.

Com esse conceito, a proposta de Mbembe era demonstrar as várias formas pelos quais, no mundo contemporâneo, existem estruturas com o objetivo de provocar a destruição de alguns grupos. Essas estruturas são formas contemporâneas de vidas sujeitas ao poder da morte e seus respectivos "mundos de morte" – formas de existência social nas quais vastas populações são submetidas às condições de vida que os conferem um status de "mortos-vivos".

Mbembe afirma que cabe ao Estado estabelecer o limite entre os direitos, a violência e a morte. Mas, ao invés disso, os Estados utilizam seu poder e discurso para criar zonas de morte. O filósofo levanta exemplos modernos: a Palestina, alguns locais da África e o Kosovo. Nessas zonas, a morte se torna o último exercício de dominação.

O autor afirma que quem morre em zonas como estas são grupos biológicos geralmente selecionados com base no racismo. Funciona assim: é apresentado o discurso de que determinados grupos encarnam um inimigo (por vezes fictício). A resposta é que, com suas mortes, não haverá mais violência. Assim, matar as pessoas desse grupo pode ser aceito como um mecanismo de segurança.

3. QUESTÕES/ITENS

Questão 10

A necropolítica consiste, muito mais que apenas promover o extermínio de grupos humanos inteiros, em fazer com que seu desaparecimento gere o mínimo possível de sensibilização ou comoção social, em fazer com que a dor e o sofrimento desencadeados pelas mortes se mantenham, ao máximo, restritos aos entes mais próximos das vítimas, para que não alcancem o espaço público.

GUIMARÃES, Heitor. Necropolítica como gestão do luto. Revista de Ciências do Estado, Belo Horizonte, v. 7, n. 2, p. 1–24, 2022.

Com base no texto, a necropolítica

- (A) ocorre apenas em regimes autoritários, não se aplicando a democracias.
- (B) restringe-se ao campo militar, sem relação com dinâmicas sociais internas.
- (C) consiste na promoção da vida e dignidade de grupos marginalizados.
- (D) envolve o extermínio e a naturalização de mortes sem comoção pública.
- (E) trata apenas do extermínio físico, sem considerar sua percepção social.

Questão 11

Nas grandes cidades, no pequeno dia a dia
O medo nos leva a tudo, sobretudo à fantasia
Então erguemos muros que nos dão a garantia
De que morreremos cheios de uma vida tão vazia
(...)

Nas grandes cidades de um país tão violento
Os muros e as grades nos protegem de quase tudo
Mas o quase tudo quase sempre é quase nada
E nada nos protege de uma vida sem sentido

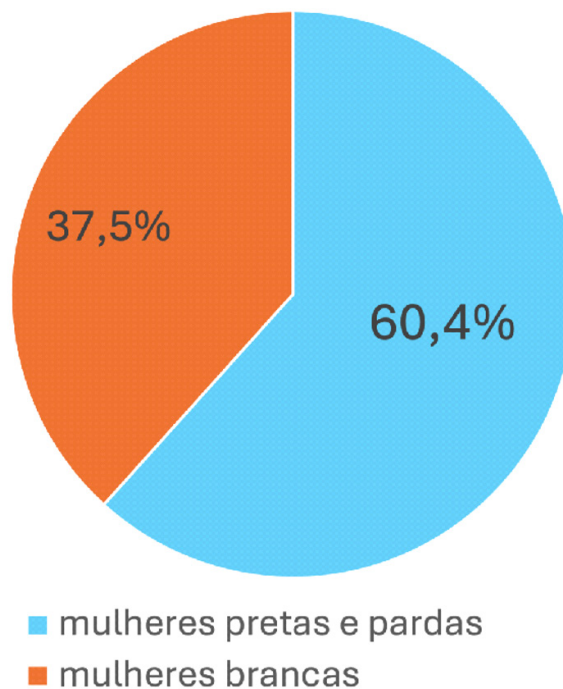
GESSINGER, Humberto; LICKS, Azevedo. Muros e grades. Rio de Janeiro: BMG, 1991. (Fragmento).

A letra dessa canção reflete a teoria do filósofo camaronês Achille Mbembe sobre as políticas de inimizade, na medida em que

- (A) os "muros e grades" representam a liberdade individual.
- (B) os "muros e as grades" garantem a segurança real da população.
- (C) a política de inimizade se limita ao colonialismo.
- (D) o medo reflete a política de inimizade ao excluir grupos vistos como ameaça.
- (E) a música sugere que a violência é causada apenas pela falta de controle estatal.

Questão 12

Casos de violência contra mulheres adultas (20 a 59 anos)



Sistema de Informação de Agravos de Notificação do Ministério da Saúde - 2024

Os dados apresentados no gráfico exemplificam concretamente o conceito de necropolítica de Mbembe ao

- (A) demonstrar a eficácia de políticas públicas na superação de desigualdades sociais.
- (B) identificar que a violência atinge a todos os grupos igualmente, sem revelar o descarte de determinadas vidas.
- (C) refletir a ausência de proteção integral às mulheres, com ênfase nas mulheres brancas.
- (D) evidenciar os efeitos dos marcadores de raça, mas sem deter-se na valoração desigual das vidas.
- (E) revelar a exposição desigual à violência e a negligência do Estado nas políticas de proteção integral.

REFERÊNCIAS

- Atualidades ENEM: uberização do trabalho. Disponível em: <https://querobolsa.com.br/revista/atualidades-enem-uberizacao-do-trabalho>. Acesso em: 28 mar. 25
- Brasil registra 1.450 feminicídios em 2024, 12 a mais que ano anterior. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2025-03/brasil-registra-1450-feminicidios-em-2024-12-mais-que-ano-anterior>. Acesso em: 28 mar. 25
- BENTHAM, J. O panóptico. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- Charge sobre mecanismo da vigilância em massa. Disponível em: <https://bussolanews.blogspot.com/2013/06/charge-sobre-o-mecanismo-de-vigilancia.html>. Acesso em: 28 mar. 25
- FOUCAULT, M. Os corpos dóceis. In: FOUCAULT, M. Vigiar e Punir. Trad. Ligia M. P. Vassalo. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.
- Foucault de norte ao sul. Entrevista com Carolina de Souza Noto e Ernani Pinheiro Chaves. PRACS: Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP <https://periodicos.unifap.br/index.php/pracs> ISSN 1984-4352 Macapá, v. 12, n. 1, p. 217-223, jan./jun. 2019. Acesso em: 28 mar. 2025.
- FREITAS, F. O que é seu é meu e o que é meu... é meu: a biopolítica e a uberização da vida. Princípios: Revista de Filosofia, Natal, v. 29, n. 58, jan. - abr. 2022. ISSN 1983-2109. <https://periodicos.ufrn.br/principios/article/view/25646/15402>. Acesso em: 28 mar. 25
- GUIMARÃES, Heitor. Necropolítica como gestão do luto. Revista de Ciências do Estado, Belo Horizonte, v. 7, n. 2, p. 1-24, 2022. DOI: 10.35699/2525-8036.2022.39331. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revise/article/view/e39331>. Acesso em: 28 mar. 2025.
- MAQUIAVEL, N. O Príncipe. São Paulo: Abril Cultural, Col. Os Pensadores, 1979.
- MBEMBE, A. Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política de morte. Trad. Renata Santini. São Paulo: N-1, 2018.
- MONTESQUIEU, B. Do espírito das leis. São Paulo: Abril Cultural, 1979 (adaptado).
- Necropolítica: explicamos o conceito de Achille Mbembe. Disponível em: <https://www.politize.com.br/necropolitica-o-que-e/>. Acesso em: 28 mar. 25.
- PEREIRA, João. Para Maquiavel os conflitos são estruturantes da vida política. Disponível em: <http://ermiracultura.com.br/2022/04/10/para-maquiavel-os-conflitos-sao-estruturantes-da-vida-politica/>. Acesso em: 28 mar. 25
- SADEK, Maria Tereza. Nicolau Maquiavel: o cidadão sem fortuna, o intelectual de virtú. In: WEFFORT, Francisco (org.). Clássicos da política, vol. 01. São Paulo: Ática, 2001. p. 17-18.



Estudante

Turma

Escola

FILOSOFIA

SEMANA 1

Questão 01 ☐ A ☐ B ☐ C ☐ D ☐ E

Questão 02 ☐ A ☐ B ☐ C ☐ D ☐ E

Questão 03 ☐ A ☐ B ☐ C ☐ D ☐ E

SEMANA 2

Questão 04 ☐ A ☐ B ☐ C ☐ D ☐ E

Questão 05 ☐ A ☐ B ☐ C ☐ D ☐ E

Questão 06 ☐ A ☐ B ☐ C ☐ D ☐ E

SEMANA 3

Questão 07 ☐ A ☐ B ☐ C ☐ D ☐ E

Questão 08 ☐ A ☐ B ☐ C ☐ D ☐ E

Questão 09 ☐ A ☐ B ☐ C ☐ D ☐ E

SEMANA 4

Questão 10 ☐ A ☐ B ☐ C ☐ D ☐ E

Questão 11 ☐ A ☐ B ☐ C ☐ D ☐ E

Questão 12 ☐ A ☐ B ☐ C ☐ D ☐ E